



FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
16o ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
XII CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO E EXTENSÃO EM
JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: RELATO DE EXPERIÊNCIA
GRUPO DE PESQUISA: PRODUÇÃO LABORATORIAL –
ELETRÔNICOS

**Fotografia plural:
um exercício de arte, ciência e jornalismo na tela da RTV-Unicamp**

Amarildo Carnicel¹
amarildo@unicamp.br

Resumo

Este projeto, denominado *Fotografia Plural*, consiste na realização de uma Série de Reportagens para televisão, produzida pela RTV-Unicamp, composta de seis entrevistas com pesquisadores que têm na fotografia seu objeto de estudo. São resultados de trabalhos científicos que são retomados e ressignificados com o olhar no presente. O estudo é baseado no tripé: fotografia-jornalismo científico-TV universitária.

Palavras chave: fotografia; jornalismo científico; TV universitária.

Introdução

Às vezes, a fotografia é muda; às vezes fala demais. Pode ser opinativa, dar margem a diferentes interpretações ou meramente informativa. Tudo depende de quem a concebeu, em que circunstâncias foi produzida ou da bagagem cultural de quem a observa. A imagem fotográfica pode ser uma mentira, pode ser uma verdade, pode até ser uma mentira produzida para contar uma verdade. Não por acaso a polissemia que possibilita diferentes significados, dependendo do contexto em que analisada, é uma de suas principais qualidades.

Outra qualidade inerente à fotografia é o seu hibridismo, conforme assinala NOVAES (2015: pp.9-10): “[a fotografia] ...permite a conexão entre arte, conhecimento e informação. A fotografia, com todas as ambiguidades que fazem parte de sua essência, parece ser o elemento mais adequado para fazer essa mediação entre arte e ciência. Fotos expressivas (não necessariamente realistas ou objetivas) que permitam a ponte entre o visível e o invisível na cultura, que não sejam mero registro visual”.²

Para compreender esse instrumento de informação cada vez mais reconhecido na academia, não como um objeto acessório à pesquisa, mas como o mote de

¹ Jornalista, mestre em Multimeios (IA-Unicamp) e doutor em Educação (FE-Unicamp). Líder do Grupo de Pesquisa Fotografia e Memória (GPMef-Unicamp), diretor-associado da RTV-Unicamp e docente da Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

² NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). **Entre Arte e Ciência – A Fotografia na Antropologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.



investigação científica, pesquisadores de diferentes partes do mundo se debruçam em busca de respostas que transitam pelas mais variadas áreas do conhecimento.

Tão complexo quanto compreender esse instigante universo da fotografia é traduzir e transmitir esse conhecimento para um público que não esteja confinado entre os muros da Universidade. É justamente aí que residem questões fundamentais sobre esse relato de experiência desenvolvido no âmbito da Rádio e Televisão da Universidade Estadual de Campinas (RTV-Unicamp): **1** – como produzir uma reportagem televisiva a partir de um trabalho de pesquisa sem cair na superficialidade que, não raro, imprime o tom em produções dessa natureza? **2** – como transmitir esse conhecimento fazendo uso de um formato agradável que prenda a atenção de telespectador preservando o conteúdo científico construído durante anos de pesquisa? Uma tentativa de resposta pode ser alicerçada compreendendo elementos que sustentam o seguinte tripé: fotografia-jornalismo científico-TV universitária.

Este projeto, denominado *Fotografia Plural*, consiste em seis entrevistas com pesquisadores que têm na fotografia seu objeto de estudo. São resultados de trabalhos de mestrado, de doutorado, de publicações de livros e de pesquisas pontuais que abordam a fotografia em suas diferentes formas de concepção, produção e aplicação. Com base em pesquisas já concluídas, o assunto é retomado e ressignificado com o olhar no presente. Com duração de seis minutos, cada reportagem dá voz ao autor da pesquisa e ganha em conteúdo com a narração baseada em fontes escritas e visuais em que as imagens vão muito além da mera ilustração. É a partir dessas inúmeras possibilidades de interpretação da fotografia que se estrutura essa produção da RTV-Unicamp.

O produto

Para melhor compreender essa primeira série de reportagens, apresento a seguir a sinopse das matérias a partir de teses de doutorado, dissertações de mestrado e dos livros publicados.

Fotofilmes – A reportagem mostra que imagens estáticas somadas a movimentos de câmera e ingredientes sonoros podem se transformar, ganhar vida e

novos significados. O amplo universo da fotografia demonstra que é possível ousar e compartilhar características do cinema.³

Fotobiografias – O vídeo é baseado na história de cinco idosos anônimos, na faixa dos 80 anos, que abriam seus baús e fizeram suas revelações. São histórias de vida contadas por meio de fotografias preservadas por guardiões de imagens que mostram apenas aquilo que vale a pena revelar.⁴

Fotógrafo-turista – A entrevista mostra que as fotografias de viagem não são meras ilustrações dos relatos sobre os lugares visitados. Elas funcionam como um atestado de presença, uma prova de que o viajante realmente esteve lá. Mas esse fenômeno não é recente. Trata-se de um processo cultural promovido pela indústria fotográfica que popularizou a prática do registro de imagens.⁵

Fotojornalismo – No jornalismo, a fotografia é frequentemente vista como um recorte do factual. Na busca pela representação da verdade, caberia ao fotógrafo evidenciar em imagens aquilo que a notícia imprime. É ela que procura dar credibilidade ao que está sendo narrado, como se fosse uma comprovação de que aquele fato realmente ocorreu.⁶

Fotógrafo V8 – É impossível falar do passado de Campinas sem mencionar o nome de Aristides Pedro da Silva, mais conhecido como V-8. Ele não foi apenas um importante fotógrafo que registrou as transformações urbanas da cidade. Em seu arquivo pessoal, estão fotos que ele ganhou ou até mesmo garimpou nas latas de lixo.⁷

Carnaval em branco e negro – Fotografias e histórias orais que contam a trajetória do Carnaval paulistano entre os anos de 1914 e 1988 são os pilares desse vídeo realizado a partir do livro *Carnaval em Branco e Negro*, da socióloga Olga von Simson. Os depoimentos partiram de fotografias antigas escolhidas pelos próprios

³ ELIAS, Érico Monteiro. “A Fotografia no Cinema”. Dissertação de mestrado. Instituto de Artes. Unicamp. Campinas, 2009.

⁴ BRUNO, Fabiana. “Fotobiografia: por uma metodologia da estética em antropologia”. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp. Campinas, 2009.

⁵ AQUINO, Livia Afonso de. “Picture Ahead: a Kodak e a construção de um turista-fotógrafo”. Tese de doutorado. Instituto de Artes. Unicamp. Campinas, 2014.

⁶ BODSTEIN, Celso Luiz de Figueiredo. “Fotojornalismo e a ficcionalidade no cotidiano”. Tese de doutorado. Instituto de Artes. Unicamp. Campinas, 2006.

⁷ TEIXEIRA, Renata Maria. “Tempo redescoberto nas fotografias de Aristides Pedro da Silva, V8”. Dissertação de mestrado. Instituto de Artes. Unicamp. Campinas, 2008.

carnavalescos que ajudam a compreender as raízes dessa festa e como a folia foi construída na capital paulista⁸.

Método

O projeto começou com o trabalho de garimpagem no Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU) que reúne publicações (livros, teses, dissertações e periódicos) que integram o acervo de 28 bibliotecas distribuídas pelos campi de Campinas, Limeira e Piracicaba. Inicialmente, por meio de palavras-chave, foram elencados em torno de duas dezenas de trabalhos que poderiam ser materializados em reportagens. Após leitura de resumos, introduções, apresentações e prefácios, dez foram identificados como trabalhos cuja temática, além da relação texto-imagem, pudessem despertar atenção do público. Dessa forma, foram preteridos dessa escolha trabalhos considerados abstratos, ou seja, que não correspondessem a nenhum dado sensorial ou conceito, algo de difícil compreensão. Também foram desprezados dessa primeira garimpagem trabalhos em que a fotografia não se configurasse como objeto da pesquisa, como mote da investigação científica e, sim, como mera ilustração.

Dessa maneira, foram elencados trabalhos a partir de reflexões em que a fotografia pode ser vista como arte, documento, denúncia, relato, verdade, mentira, sentimento, história, memória, enfim, pesquisas em que é possível identificar a pluralidade da fotografia. Das dez pesquisas e obras identificadas, quatro autores, por diversas razões, ou por caráter pessoal ou indisponibilidade de tempo, não se dispuseram a conceder entrevista. A maioria, portanto – seis – contribuiu para a realização do projeto.

Definiu-se que seriam realizadas seis reportagens com tempo médio, após editadas, de seis minutos. A opção pela série de reportagens, ou seja, uma sequência periódica de matérias jornalísticas que tratam de um assunto específico, deu-se, principalmente, pela natureza do tema. A produção de uma única reportagem sobre fotografia, além de solta na grade, não prenderia a atenção do espectador no sentido de introduzi-lo no universo do tema. A série de reportagens, além dar unidade e imprimir

⁸ SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes, von. *Carnaval em Branco e Negro: Carnaval Popular Paulistano. 1914-1988*. Editora da Unicamp. Campinas, 2007.

uma identidade ao conteúdo, permite tratar o assunto com maior profundidade. Também, estabelece um vínculo com o público que fica na expectativa da próxima veiculação.

Formato

As seis reportagens que integram a série apresentam o mesmo formato. Começa com uma vinheta de abertura (10'') com imagens de câmeras fotográficas, mostrando a evolução dos equipamentos, que circulam numa base feita por uma película de filme fotográfico, culminando com a inscrição "Fotografia Plural". A trilha sonora finaliza com o som característico de disparo do obturador na produção de uma foto. Em seguida, a pesquisa, com base na entrevista e nos textos produzidos pelo entrevistado, é apresentada em 30'' pela jornalista responsável pela reportagem, fazendo uso de *chromakey*⁹ e focalizada em Plano Médio¹⁰. Com uma trilha sonora ao fundo, a reportagem é entremeada com *offs*¹¹, novamente baseados na entrevista e em textos do autor, e sonoras¹², que dão voz ao entrevistado que expõe seu trabalho em primeira pessoa.

Conclusão

A soma de *offs* e sonoras, sempre cobertos com imagens das fotografias que integram a pesquisa, representa cerca de 90% da matéria, opção que imprime à reportagem uma produção que prima pelo conteúdo. Ou seja, é um misto de arte e

⁹ "Processo eletrônico pelo qual a imagem captada por uma câmera pode ser inserida sobre outra imagem como se fossem, respectivamente, primeiro plano e fundo. Para isso, usa-se geralmente o azul nas áreas de vídeo que serão anuladas (chamadas de *key video*) e sobre as quais será projetada uma segunda imagem". RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação – Nova Edição Revista e Atualizada**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002, pp 129-130.

¹⁰ "O plano médio corta imediatamente abaixo dos cotovelos e é ótimo para as tomadas de introdução em entrevistas". WATTS, Harris. **On Camera – O Curso de Produção de Filme e Vídeo da BBC**. São Paulo: Summus, 1990, p.159.

¹¹ "Diz-se de voz, pessoas ou objetos que não estão visíveis na cena apresentada". RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação – Nova Edição Revista e Atualizada**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002, p. 520.

¹² "Em telejornalismo, diz-se do trecho de uma entrevista gravada que é selecionado na edição de uma notícia, confirmando ou complementando o texto do repórter". RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação – Nova Edição Revista e Atualizada**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002, p. 690.

ciência que se materializam por meio do jornalismo. A realização do *Fotografia Plural* é a incorporação do jornalismo científico que vai além da informação sobre ciência ao público. Nesse sentido, OLIVEIRA (2012:43) afirma: “O casamento maior da ciência e do jornalismo se realiza quando a primeira, que busca conhecer a realidade por meio do entendimento da natureza das coisas, encontra no segundo fiel tradutor, isto é, o jornalismo que usa a informação científica para interpretar o conhecimento da realidade”¹³. Como se pode notar, o jornalismo científico promove discussões e reflexões sobre ciência, arte, tecnologia e inovação e suas relações com a sociedade, ou seja, torna acessível ao público mais amplo conteúdos, não raro, de difícil compreensão quando discutidos antes entre os pares no âmbito da academia.

Uma produção dessa natureza encontra na TV universitária o ambiente ideal para a veiculação. Torna-se difícil imaginar uma emissora de televisão comercial abrigar uma série de reportagens cujo conteúdo seja gerado no âmbito da Universidade. A começar pelo assunto, cujos resultados de pesquisa não apresentam resultados que possam ser aplicados em benefício na sociedade, como ocorre na área da medicina ou da agricultura, por exemplo.

Dessa maneira, cabe à TV universitária dar vazão a trabalhos dessa natureza, atingindo, inicialmente, um público diferenciado, que prefere refletir diante do que está sendo apresentado a descartá-los como um produto de consumo com caráter factual. Esse pensamento vai ao encontro da afirmação do presidente da Associação Brasileira de Televisão Universitária (ABTU), Fernando José Garcia Moreira destaca: “Uma TV mantida pela universidade não deve atuar como se fosse um agente externo, tem que estar integrada às políticas de comunicação institucional, servir como poderosa ferramenta de extensão para a integração universidade-comunidade e ser o mais almejado espaço de treinamento para a área de comunicação colocando em evidência a própria capacidade de formação”¹⁴.

Atingir um público mais amplo pode ocorrer num segundo momento quando esse tipo de produção é submetido ao Conselho de Programação de uma TV pública de

¹³ OLIVEIRA, Fabíola de. *Jornalismo Científico*. São Paulo: Contexto, 2012.

¹⁴ MOREIRA, Fernando José Garcia. “TV Universitária: O Momento é Agora”. In: **Revista ABTU – TV Universitária + TV Pública**. ABTU – Associação Brasileira de Televisão Universitária – Jan-Jun/2015 – no. 2, p. 03.

cunho educativo. Foi justamente a experiência vivida com *Fotografia Plural* e o Canal Futura, emissora integrante da Fundação Roberto Marinho.¹⁵

Para Samuel Rocha de Oliveira¹⁶, diretor da RTV-Unicamp, estabelecer essa parceria com o Canal Futura proporciona um misto de prazer e responsabilidade. “É aliar a satisfação de divulgar alguns programas de nossa produção em um canal de público fiel e seletivo sem perder de vista a responsabilidade por saber do nível de qualidade que o Canal Futura espera e imprime em sua grade de programação”.

Segundo João Alegria¹⁷, gerente geral adjunto do Canal Futura, esse modelo de parceria com a RTV-Unicamp valoriza o diálogo através da elaboração e exibição de conteúdos audiovisuais. “Ações dessa natureza nos ajudam a contemplar uma das nossas principais missões que é colaborar para o pluralismo cultural e para promoção educacional e social do país”, afirma.

Acácio Jacinto¹⁸, responsável pelo setor de relacionamento com as universidades parceiras do Canal Futura, destaca que esse diálogo com a RTV-Unicamp se constrói e se estabelece a partir de ações onde as redes colaborativas se complementam. “Nesse sentido, a exibição da série *Fotografia Plural* nos ajuda a construir uma grade de programação que contempla o nosso compromisso em difundir a arte brasileira com as suas matizes e com as suas características regionais”, afirma. Jacinto acrescenta que na medida em que o Canal Futura avança em diferentes territórios, respeitando-se as especificidades regionais, novos espaços de difusão de conteúdos educativos se abrem. “A parceria com as TVs universitárias, a exemplo da RTV -Unicamp, tem ampliado a nossa capacidade de comunicação, uma vez que, através dela, temos uma fonte permanente de pesquisa e inovação.

João Alegria¹⁹ acrescenta que “essas parcerias, por meio de projetos de pesquisa e de extensão, nos permitem abrir novas interfaces locais e, mais uma vez,

¹⁵ As seis reportagens que integram a série *Fotografia Plural* foram veiculadas em rede nacional, nos meses de julho e agosto de 2016, sempre às quartas-feiras (23h15), pelo Canal Futura.

¹⁶ Entrevista concedida ao autor em julho de 2016.

¹⁷ Entrevista concedida ao autor em julho de 2016.

¹⁸ Entrevista concedida ao autor em julho de 2016.

¹⁹ Idem.



FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ) 8
16o ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
XII CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO E EXTENSÃO EM
JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: RELATO DE EXPERIÊNCIA
GRUPO DE PESQUISA: PRODUÇÃO LABORATORIAL –
ELETRÔNICOS

juntos, formar, ampliar e oxigenar a população brasileira, exibindo conteúdo de qualidade gerado pelas televisões universitárias brasileiras”.